

PLÍNIO AYROSA (1896-1961).

NOBUE MYASAKI

do Instituto de Pré-História da Universidade de
São Paulo.

Na Cidade Universitária “Armando de Salles Oliveira”, há museus que vêm merecendo justa promoção na imprensa periódica do País. Enquanto outros, igualmente preciosos na vertente de sua especificidade, são conhecidos somente de um número restrito de curiosos. Entre eles, o *Museu Plínio Ayrosa*, instalado no Departamento de Antropologia. Em cujo acervo predominam coleções de grupos indígenas, de peças — algumas consideradas raras e talvez únicas no mundo — rigorosamente identificadas. Em anexo, a indispensável biblioteca especializada em etnografia brasileira, onde também podem ser encontrados equipamentos técnicos de gravações, realizadas em pesquisa de campo, igualmente *sui generis*. Parâmetro que dimensiona de maneira impar esse museu brasileiro, montado com sacrifícios sem conta, pelo professor cujo nome hoje o individualiza. E que teve início com a própria Universidade de São Paulo, com a montagem da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ocasão em que, para instalar o corpo docente da Sub-Secção de Geografia e História, o então Dr. Plínio Marques da Silva Ayrosa, foi um dos dois brasileiros convidados. Mais ainda, para estruturar uma cadeira: *Etnografia do Brasil e Língua Tupi-Guaraní*, cujo pioneirismo até hoje, ao que se saiba, não teve seguidores. O Dr. Plínio Ayrosa, diplomado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, contemplado com uma bolsa de aperfeiçoamento na Alemanha — onde lhe nasceu o gosto pela toponímia indígena e o consequente autodidatismo — aceitou o desafio.

Com a fibra de seus ancestrais bandeirantes, traçou um plano de trabalho operacional, a curto e a longo prazo. E no programa, transcrito nos 1º volume dos Anais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934), pode-se constatar dentre outras a preocupação com biblioteca especializada, com um museu, rigorosamente didático. Que ele somente conseguiu instalar e abrir à curiosidade dos poucos visitantes, no porão do prédio da rua Maria Antônia. É lá,

no seu gabinete de trabalho era, talvez, o mais presente de todos os docentes. Os alunos que, do Grêmio da Faculdade avançavam para as salas do 1º andar, podiam ver a luz sempre acesa, na fímbria da porta do Museu da Cadeira de Etnografia. Essa luz, generosa e orientadora, refletia-se no contacto, no calor humano, com os alunos, os visitantes, os amigos que o buscavam. Quem subscreve estas notas — que colocam o Prof. Plínio Ayrosa na galeria dos fundadores eméritos da nossa Faculdade — pode e deve dar um depoimento. Pois, bolsista do governo japonês, cursava a Universidade de Tokyo com o compromisso de elaborar trabalho de aproveitamento. Enfrentando meio estranho e grande concorrência universitária, somente conseguiu sobreviver, graças a orientação segura, apesar de longínqua, do mestre amigo. Quinzenalmente, depois mensalmente, escrevia-me, orientando-me com força capaz de facultar a elaboração e continuação de uma pesquisa que, lamentavelmente, ele não pôde ver concluída.

E hoje, que o Dr. Plínio Ayrosa, nascido nesta Capital aos 13 de março de 1896, onde faleceu a 2 de junho de 1961, é uma grande saudade, tenho presente uma de suas metas, referente ao Museu que o identifica:

“Este laboratório de pesquisas, este museu modesto, sem egoísmo, deverá estar sempre aberto a todos quanto dele possa necessitar”.

* * *

NOBUE MYAZAKI, nasceu em Birigui (Estado de São Paulo) onde fez os estudos secundários. Nesta capital licenciou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, na turma de 1952.

Logo em seguida, mercê de suas andanças pelos recantos os mais longínquos do País, matriculou-se no Curso de Especialização em Antropologia, Etnografia Geral e do Brasil, e por sugestão do saudoso Prof. Plínio Ayrosa, fez estágio no Departamento de Etnologia do Museu Paulista.

Contemplada com uma Bolsa de Estudos do Governo Japonês, cursou a Universidade de Tokyo em duas temporadas intensivas. E o fez para elaborar sua tese de doutoramento em Antropologia Cultural, com o estudo comparativo entre o *Waura e Mehinakú*, defendida e publicada em japonês, no ano de 1965. Esse mesmo diploma fornecido pela Universidade de Tokyo, foi revalidado pela Universidade de São Paulo, em 6-X-1967. Dentre outros trabalhos publicados destacam-se: *Os imigrantes japoneses*

no Estado de São Paulo (1967: em colaboração com o cientista Morio Ono, da Universidade de Tokyo). Ainda, *A Aldeia Pre-histórica de Monte-Mór* (1974 — em colaboração com o Prof. Desidério Aytar). Um ensaio intitulado: *Razoku Chavante* (1960) e *Socialização da criança em duas tribos Aruaki: Waura e Mehinakú* (1963 — com versão para o alemão, Hannover (1964). Em preparação: *Os desenhos dos índios Waura e Textos — objetos e textos cerimônias entre as tribos do Alto Xingú*.

Todos estes trabalhos resultam de árduas pesquisas de campo, tanto em comissões científicas como individualmente, seja na região amazônica, no Posto “Leonardo Villas-Boas” (Mato Grosso) e mais ainda entre os Chavantes (Rio das Mortes) ocasião em que foi a primeira mulher a contactá-los.

No campo da docência, lecionou Etnografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (Instituto Superior Isolado do Estado de São Paulo). Ocupa o cargo de Historiógrafa no Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, mediante concurso de títulos e provas em 1970.